



Humor em tempos de guerra:

*jocosidade e crítica política nas páginas
de A Sentinela do Sul*

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

51



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

**Humor em tempos de
guerra: jocosidade e
crítica política nas
páginas de
*A Sentinela do Sul***



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

**Humor em tempos de
guerra: jocosidade e
crítica política nas
páginas de
*A Sentinela do Sul***



CIPSH
INTERNATIONAL COUNCIL FOR PHILOSOPHY AND HUMAN SCIENCES
CONSEJO INTERNACIONAL DE LA FILOSOFIA Y LAS CIENCIAS HUMANAS

UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025**



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2022

**DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS
DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO**

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Mauro Nicola Póvoas
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Ronaldo Oliveira Gerundo
Tesoureiro: Valdir Barroco

Ficha Técnica

- Título: Humor em tempos de guerra: jocosidade e crítica política nas páginas de *A Sentinela do Sul*
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 51
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2022

ISBN - 978-65-89557-40-1

CAPA: *A Sentinela do Sul*. Porto Alegre, 15 set. 1867, p. 8.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e noventa livros.

SUMÁRIO

Humor em tempos de guerra.....11

A presença da crítica política.....109

Humor em tempos de guerra

A imprensa voltada à difusão das caricaturas caiu no gosto dos brasileiros, mormente a partir da segunda metade do século XIX, vindo a progredir publicações humorísticas e ilustradas nas mais importantes cidades do Brasil. A associação entre o texto e a imagem constituiu um diferencial para os padrões jornalísticos de então, preenchendo uma lacuna, e servindo para atingir um público não satisfeito somente com o produto editorial oferecido pelos ditos jornais sérios da época. Esse fenômeno também se verificou no Rio Grande do Sul, havendo periódicos desse gênero nas cidades de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. A precursora dentre as folhas caricatas sul-rio-grandenses foi *A Sentinela do Sul*, editada na capital da Província.

A Sentinela do Sul atingiu uma qualidade editorial, com os usos das técnicas litográficas e tipográficas, bem elevada em relação aos demais periódicos da mesma natureza, bem como manteve uma postura razoavelmente moderada em comparação com estes mesmos colegas de pauta jornalística. Sua circulação ocorreu entre julho de 1867 e a transição de 1868 a 1869¹, embora a coleção de exemplares remanescentes se restrinja desde o número inicial até junho de 1868, quando a publicação completava o seu primeiro ano de existência.

¹ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 13-27.

Um dos temas mais recorrentes na abordagem de *A Sentinela do Sul* foi a Guerra do Paraguai, como não poderia deixar de ser diferente, tendo em vista a enorme demanda por notícias e comentários acerca do teatro de operações em meio ao público brasileiro e, ainda mais especificamente o rio-grandense-do-sul, que tinha um significativo contingente de militares envolvidos no confronto bélico. Nesse sentido, o semanário utilizou-se dos mais vários recursos e estratégias para divulgar o que acontecia na campanha do Paraguai, como retratos e biografias de personagens envolvidos, reproduções de cenas de batalhas, mapas e cartas, além de não deixar de lado as ilustrações humorísticas que traziam uma versão caricatural do cenário em território guarani.

Ainda que a Guerra da Tríplice Aliança fosse um dos temas predominantes de sua pauta editorial *A Sentinela do Sul* não deixou de trazer em suas páginas registros textuais e iconográficos voltados ao humor, afinal essa era a base de sua proposta e havia também a necessidade de oferecer um lenitivo aos leitores, realizado através do alívio cômico, de modo a suavizar as tantas preocupações advindas do contexto bélico. Nessa linha, o hebdomadário dedicou especial atenção para atender a essa necessidade de seu público, bem como fazer valer a finalidade para a qual ele era editado. A esse respeito, a própria redação expressava no conteúdo programático do jornal que, em suas páginas, “a caricatura não pode nem deve faltar”, pois ela constituía “o sal ático da publicação, que em tom jocoserio dirá muitas verdades”, permanecendo “fiel ao antigo princípio *ridendo castigare mores*”².

² A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867, p. 2.

De acordo com tal perspectiva, *A Sentinela* manteve o enfoque bem humorado, notadamente por meio da caricatura, a qual consiste em apreender um detalhe, por vezes imperceptível, e torná-lo visível a todos os olhos, aumentando-o. O caricaturista adivinha, por debaixo das harmonias superficiais da forma, as revoltas profundas da matéria, pondo a claro desproporções e disformidades que poderiam ter existido na natureza em estado de veicidade, mas que não puderam concretizar-se, recalcadas por uma força melhor. Assim, para que o exagero seja cômico é preciso que apareça não como um fim, mas como um simples meio de que o desenhador se serve para tornar manifestas aos olhos as contorções que ele vê esboçarem-se na natureza³.

Nesse quadro, o riso pode associar-se a uma ou a várias imagens significativas, ou seja, a representação de um qualquer objeto pode ser aclarada pela luminosidade do riso, possuindo este uma tão potente capilaridade que se imiscui em quase todos os domínios⁴. Como qualquer construção humana, a narrativa contida nas caricaturas tem a marca do individual e a do coletivo, no conteúdo, na forma e na exposição, em um quadro pelo qual a subjetividade do observador e as determinações sociais

³ BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. 2.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. p. 31-32.

⁴ HOMEM, Amadeu Carvalho. Riso e poder: uma abordagem teórica da caricatura política. In: *Revista de História das ideias*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007. v. 28, p. 742.

são as suas fronteiras⁵. Impiedosos ou amenos, cruéis ou generosos, os caricaturistas, com três ou quatro riscos em uma folha em branco, são capazes de retratar toda uma época e reconstruir todo um passado de interrogações⁶.

O caricaturista, como criatura de ímpetos, porque a caricatura sendo obra por excelência instintiva, muito embora a inteligência e a cultura tenham nela igualmente parte preponderante, olha sempre a realidade com a sua lente específica, com o fim de caracterizar aquilo que objetiva no momento, seja um fato ou uma personalidade. O ato de caracterizar é a própria finalidade da caricatura moderna. Daí se deriva o poder de síntese que se exige da caricatura, seja pessoal, seja social ou política, bem como a fixação do traço definidor de um caráter ou de uma situação, ao lado de uma acuidade de observação, e da sensibilidade do caricaturista, em condições de lhe permitirem a apreensão de certos índices, pessoais ou coletivos, reveladores do *pathos* individual ou das massas. O próprio trabalho dos caricaturistas mostra a especificidade desse dom, na sua instantaneidade de criação e execução⁷.

O conteúdo humorístico expresso por *A Sentinela do Sul*, assim como no caso da maior parte dos periódicos caricatos vinha ao encontro de ela ser uma

⁵ LEMOS, Renato. *Uma História do Brasil através da caricatura (1840-2006)*. Rio de Janeiro: Bom Texto Editora e Produtora de Arte, 2001. p. 5.

⁶ TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1976. p. 6.

⁷ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 28-29.

representante da pequena imprensa. Ao passo que os jornais diários, considerados representantes do periodismo sério, mais estáveis e até poderosos em relação aos colegas de menor envergadura, voltavam-se para a univocidade, a pequena imprensa e as folhas caricatas, especificamente, optavam pela equivocidade. Dessa maneira, enquanto ao detentor do poder cabia o uso das linguagens sérias, unívocas, os discursos consistentes e monolíticos, aos outros restavam as equivocidades de todo gênero, a piada, o trocadilho, o humor, a poesia e os discursos ambíguos e até paradoxais⁸.

Assim, se por um lado a imprensa dita séria utilizava-se de matérias informativas/opinativas de conteúdo mais aprofundado e textos normalmente mais longos, os semanários caricatos em geral optavam por conteúdos textuais e imagéticos mais breves, com uma linguagem mais coloquial, buscando demarcar uma certa proximidade com o público leitor, tal qual estivesse promovendo um diálogo com o mesmo. Nesse sentido, as tiradas humoradas das folhas caricatas refletiam a seu modo as conversas, as piadas e um conjunto de diz-que-diz-que que eram estabelecidos nas ruas, nas esquinas, nos bares e mesmo nas residências, transformando-se em ditos comezinhos do dia que viriam a compor o cotidiano da sociedade. *A Sentinela do Sul*, praticamente ao longo de todas as edições presentes em sua coleção de

⁸ EPSTEIN, Isaac. *Gramática do poder*. São Paulo: Ática, 1993. p. 95, 123 e 125.

exemplares remanescentes, não deixou de praticar esse tipo de humor⁹.

Já no seu primeiro número, *A Sentinela do Sul* apresentou um texto sobre as “Belezas de Porto Alegre”, afirmando que “a rainha do Guaíba é uma cidade como há poucas”, pois “sua situação pitoresca, seus lindos arrabaldes, a beleza de suas filhas, tudo enleva e encanta o visitante”. Entretanto, apesar dos elogios, a folha não perdia a oportunidade de apontar os problemas que a cidade possuía, como a presença de uma casa, que parecia “uma daquelas pitorescas ruínas de castelos feudais”. Com ironia, apelava que, “no interesse da arqueologia”, a municipalidade não se desfizesse “tão cedo de um ornamento tão precioso, que, aliás, é um *memento mori*, que recorda aos habitantes de Porto Alegre a eterna verdade”, ou seja, “*pulvis es, et in pulverem reverteris*”¹⁰.

O olhar jocoso estendia-se também à cidade litorânea do Rio Grande, sendo apresentada uma conversa entre um viajante e um local, com este garantindo que a urbe viria a ficar muito bonita, com “ruas macadamizadas, um jardim de recreio com lindas árvores na praça municipal, um cais de ferro no litoral, iluminação a gás, encanamento de água”, assim como “telégrafo, caminho de ferro e arborização dos cômoros”.

⁹ Neste livro será abordado o conteúdo humorístico em geral, pois a prática do humor em relação aos dois protagonistas que representavam a redação do periódico – o Redator e o Piá –, já foi analisada no número 31 da Coleção Rio-Grandense; bem como o olhar humorístico sobre a condição feminina e as relações de gênero foram o tema do número 30 desta Coleção.

¹⁰ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867, p. 6-7.

Mas diante da pergunta de, “enquanto esses benefícios não estiverem realizados”, o que a comuna teria, o rio-grandino acabava por revelar que a mesma teria “areia com fartura, lama quando chove, pó quando faz sol e odores aromáticos à noite, quando se passeia na rua”. Sobre a existência de “bonitos passeios” na cidade, o visitante acabaria por mostrar-se desinteressado, diante da informação que havia um em direção ao cemitério¹¹.

Uma das primeiras ilustrações publicadas por *A Sentinela do Sul* no sentido de promover uma manifestação humorada, trazia um indivíduo mal-encarado, vestido andrajosamente, com um pé-de-cabra à mão, revelando intenções nada boas. Tratava-se de uma crítica à onda de imigração que o Brasil continuava absorvendo, de modo que o periódico colocava em discussão os valores morais dos indivíduos que estariam a entrar nas fronteiras do Império. Tal perspectiva ficava explicitada a partir da legenda: “Um colono norte-americano que chega ao Brasil disposto a estabelecer-se”, entretanto, o “seu fundo capital consiste em um ferro de arrombar portas e cofres de ferro”¹².

¹¹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867, p. 7.

¹² A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867, p. 8.



Em outra pilhéria, as atenções se voltavam para a cidade de Pelotas, indicando uma certa mania de grandeza de parte dos moradores locais. Nesse sentido o viajante perguntava o motivo do mercado citadino ser tão grande e bem pouco utilizado, ao que o pelotense

respondia que assim o era “para quando a cidade aumentar”. Diante da constatação do visitante de que se tratava de uma “bonita cidade”, mas um tanto “solitária”, pois “não se vê viva alma nas ruas”, o pelotense reagia, dizendo que na comuna não faltavam “couros nas calçadas, carretas nas praças e bois puxadores soltos nas ruas”, tudo isso como “sinal de vida comercial”, explicitando ainda que “para a costa, como é divertido aquilo, em toda parte matadouros, charqueadas, tropas, charque, fábricas, aquilo é que é a nossa verdadeira riqueza”. No chiste ainda havia referências às localidades de Porto Alegre, São Leopoldo, Caçapava, Rio Grande e Jaguarão, em clara alusão às limitações, precariedades e desleixos na organização urbana de várias das localidades gaúchas¹³.

O enriquecimento de alguns diante do quadro de beligerância internacional que o Império passava também foi alvo do olhar crítico-humorado do semanário rio-grandense-do-sul, ao mostrar um homem bem-vestido, carregado de joias e contando com vários sacos de dinheiro à sua disposição. Tratava-se de um indivíduo cuja profissão era provisionar as tropas brasileiras no Paraguai. Para o jornal, tal função, se não trazia consigo ilegalidades, carregava em si certas questões envolvendo aspectos morais, como revelava a legenda: “É belo morrer pela pátria; mas belo é viver à custa dela; o mais belo de tudo, porém, é - ser fornecedor do exército”¹⁴.

¹³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 14 jul. 1867, p. 7.

¹⁴ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 14 jul. 1867, p. 8.

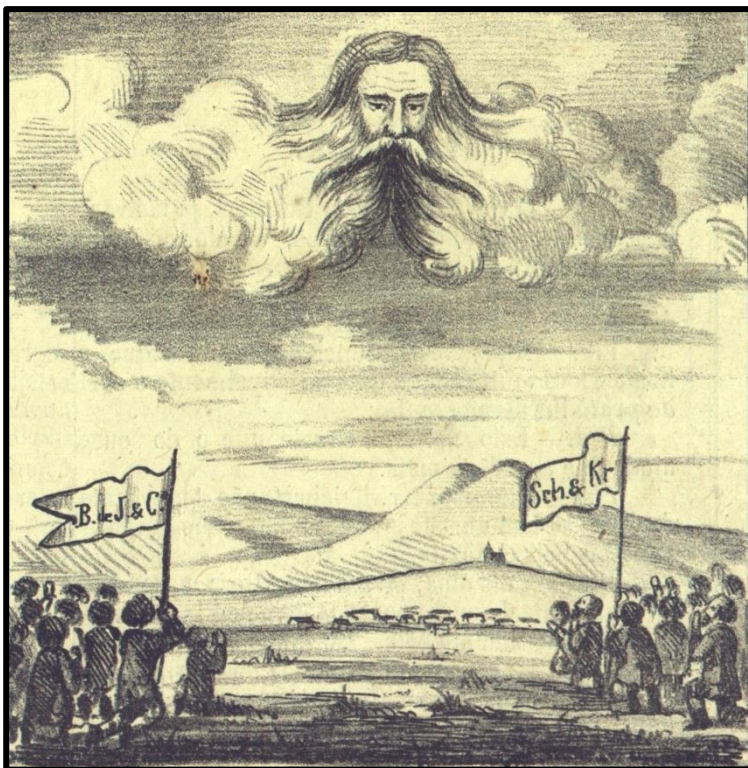


A visão jocosa também se estabelecia a partir de uma crítica indireta ao escasso movimento mercantil na capital provincial, como foi o caso de texto que apresentava dois amigos que se encontravam e

precisavam dividir um “segredo de importância” e, para tanto, precisariam estar “absolutamente sós”. Perante tal circunstância, um sugeria que deveriam ir “para a praça do comércio”, pois, “lá estamos seguros que ninguém nos interrompa”, ao que o outro aquiescia, afirmando que seria “o lugar em Porto Alegre onde com mais segurança se pode conversar em segredo, porque lá não pisa ninguém”. Na mesma edição, no segmento ilustrado, aparecia uma figura masculina que poderia ter sido alvo das críticas do periódico, contendo a legenda: “Fulano teria morrido de toda a maneira, ainda mesmo que eu não tivesse tratado dele...”. Logo em seguida, o hebdomadário tratava de possíveis excessos de cunho religioso, mostrando dois grupos com as mãos postadas em direção aos céus e exclamando: “Padre eterno, venha a nós!”¹⁵.

¹⁵ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 21 jul. 1867, p. 7-8.





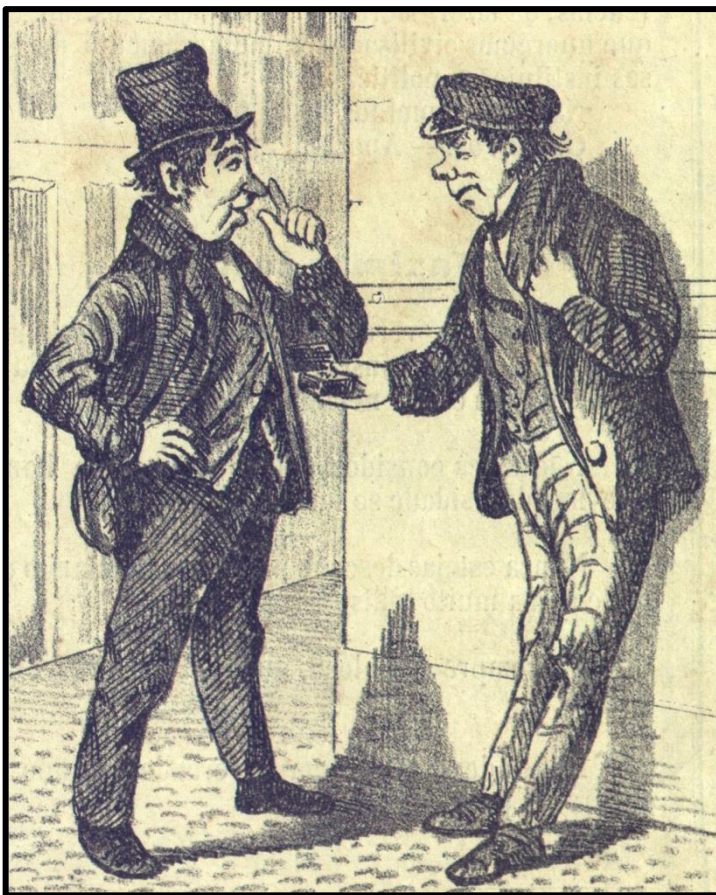
Um indivíduo que buscava visitar outro era mostrado em caricatura no qual aquele batera à porta deste, sendo atendido pelo criado. A legenda era na forma de um diálogo entre os dois, ficando o mote da graça articulado com a presunção e a falta de bom senso do visitante: “- Teu senhor está em casa? - Não senhor, ele saiu. - Quando voltar diga-lhe que vim fazer-lhe uma visita. - Como é sua graça? - Ele já me conhece”¹⁶.

¹⁶ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 28 jul. 1867, p. 8.



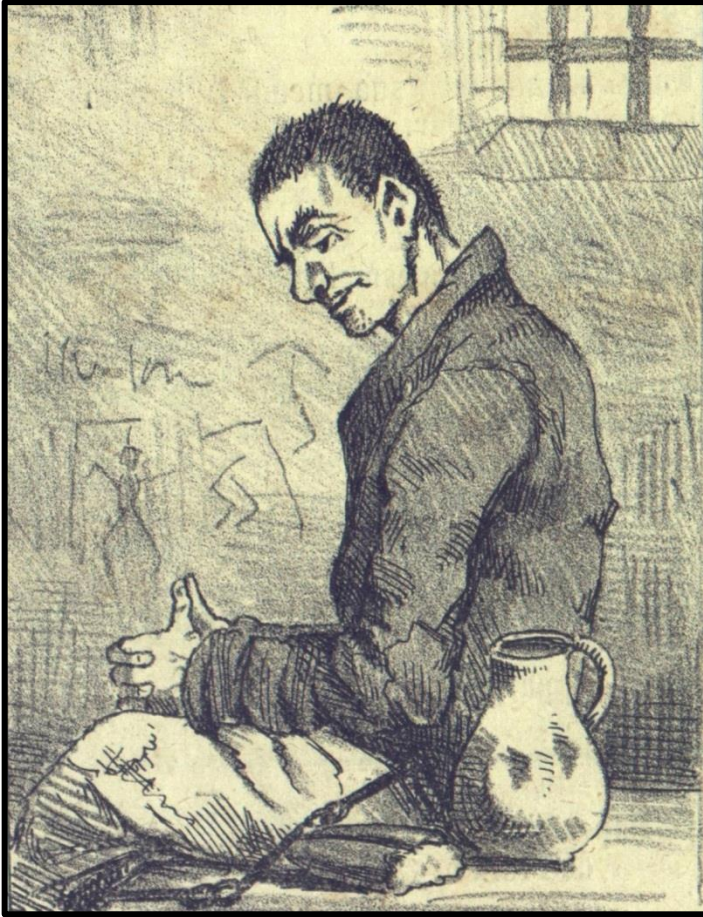
A ignorância generalizada, com a expressão de uma fala absurda, era revelada no diálogo entre dois indivíduos. Enquanto João dizia: “Diga-me, Juca, tua avó teve filhos?”; Juca respondia: “Homem, não sei; quando eu nasci, ela já tinha morrido”¹⁷.

¹⁷ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 4 ago. 1867, p. 8.



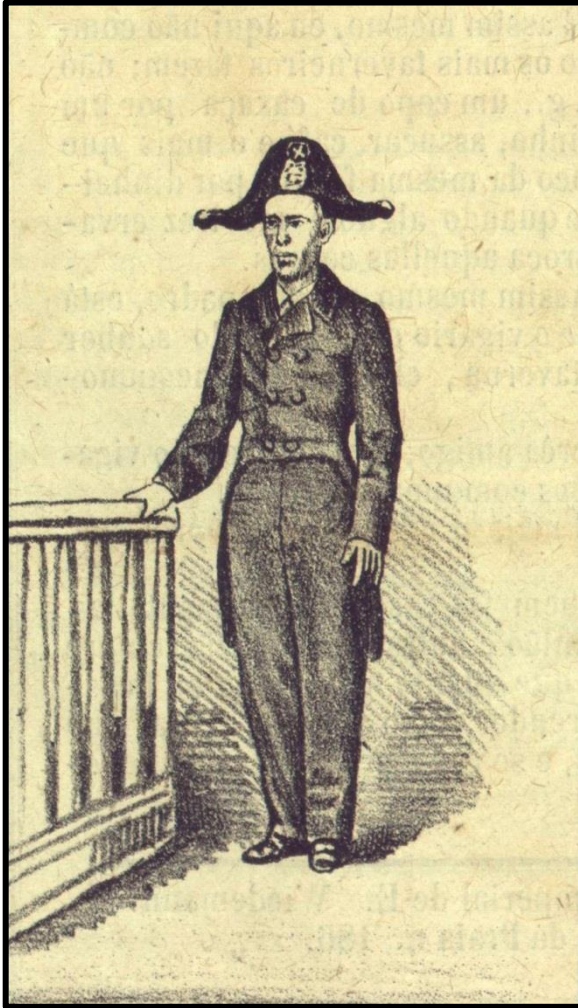
Em “Filosofia”, título de caricatura que mostrava um prisioneiro, o qual, além da supressão da liberdade, era mantido a pão e água, e refletia sobre a sua existência, constatando que “pouca coisa basta para um homem viver, quando não pode ter mais”¹⁸.

¹⁸ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 11 ago. 1867, p. 8.



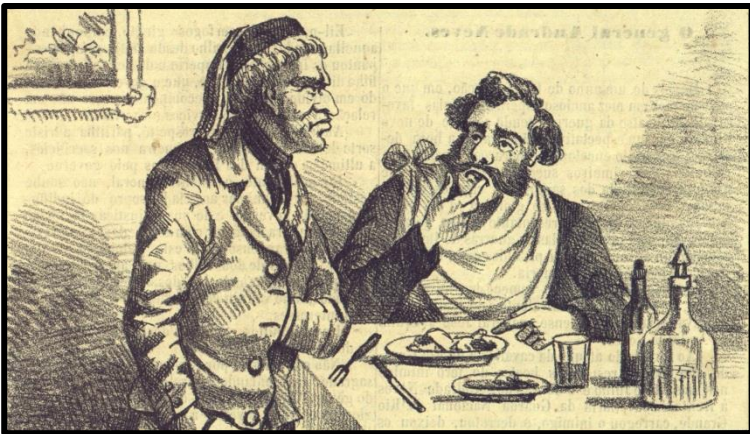
Um homem em plena expressão *non sense* utilizava um chapéu completamente desconectado com aquele momento. A figura se referia a um personagem da cidade do Rio Grande, considerado como “um vulto

da atualidade”, aparecendo inscrição relacionada a que ele assumia seu jeito de ser: “*ego sum qui sum*”¹⁹.



¹⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 25 ago. 1867, p. 8.

A crítica de costumes aparecia em uma cena de restaurante, envolvendo hábitos e etiqueta à mesa. Nesse sentido, o viajante cobrava: “Então o senhor não tem palitos para os fregueses?”; ao que o proprietário do estabelecimento respondia: “É o que faltava; não compro mais porque os fregueses, depois de se servirem deles, sempre os botam fora”. Já no desenho denominado “Hidráulica”, o indivíduo vindo do interior, mais especificamente da zona rural, trajado como a típica figura do gaúcho, era tratado com desdém, através de um gracejo, por parte de um jovem que apelava para a falta de conhecimentos gerais do interiorano. Entre eles era travado um diálogo, no qual o “Homem de fora” perguntava “Oh mano, que é o que está fazendo aquele sujeito?”; e o “rapaz” respondia: “Está dando corda no relógio da igreja”²⁰.



²⁰ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 1º set. 1867, p. 5.



Um homem inconveniente junto de seu escravo, ambos carregando muitos pacotes, tentava convencer um viajante para a cidade do Rio Grande de que, em cortesia, viesse a levar todas aquelas encomendas para a cidade portuária. Aparecia também “um vulto do passado” da localidade do Rio Grande, identificado jocosamente como cidadão Cuicas, com a inscrição: “*ego fui, qui fui*”. Já em outra cena, um indivíduo percebia uma transformação em sua refeição, com um pinto

nascendo, diante do que questionava: “E isto se chama comer ovos?”²¹.



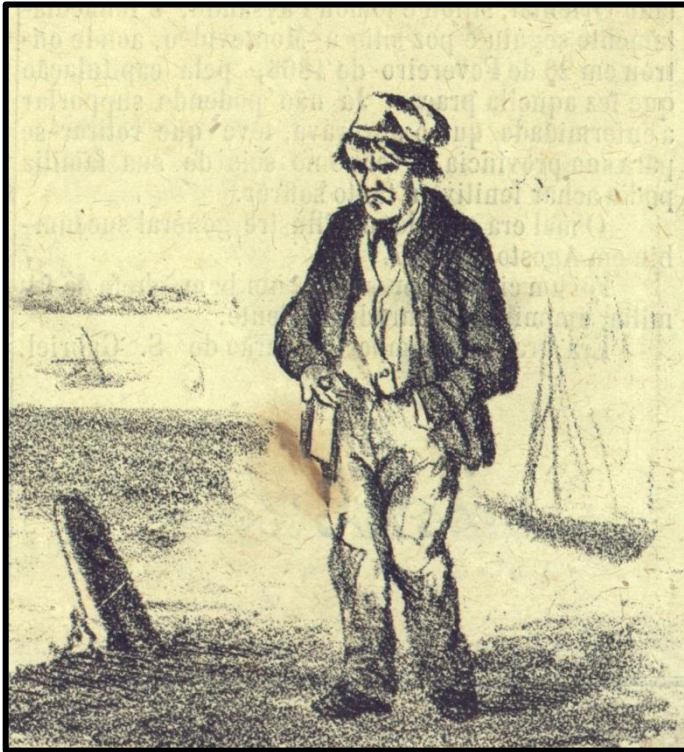
²¹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 set. 1867, p. 5.





Um pedinte de mão ao bolso e bebendo era o protagonista de outra caricatura, na qual ele reclamava da escassez de esmolas, pois recebera apenas “meia pataca” e tinha “sede pelo menos pra duas patacas”, vindo a reclamar que não poderia nem ao menos levar em frente a sua “profissão honesta”. Já um outro indivíduo mostrava-se pensativo, refletindo: “O meu anúncio no *Jornal do Comércio* não produzirá efeito? Até agora não veio carta nem retrato algum!”. Tratava-se de

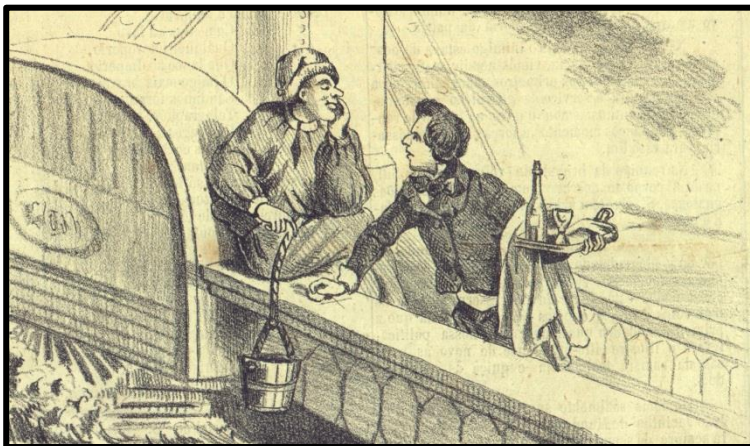
um homem que publicara aviso em um periódico, à procura de casamento²².



²² *A SENTINELA DO SUL*. Porto Alegre, 8 set. 1867, p. 5 e 8.



A ignorância generalizada era mais uma vez pauta das tiradas humoradas de *A Sentinela do Sul* ao mostrar uma cena ocorrida em um navio que se deslocava, mas, ainda assim, um dos embarcados imaginava que poderia fixar um ponto de referência, apesar do movimento da embarcação. A legenda correspondia a uma conversa, na qual o “marinheiro” perguntava: “Que está fazendo aí?”; ao que o “criado” respondia: “Estou marcando o lugar em que caiu uma colher de prata no mar, para poder tornar a achá-la quando chegarmos ao porto”²³.



As rivalidades com a região platina também serviam como mote para as pilhérias do semanário, como no caso das disputas entre os jogos de azar dos dois lados da fronteira. Sob o título “Carreira ganha com luz”, o jornal mostrava um *gaucho* argentino, galopando

²³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 set. 1867, p. 8.

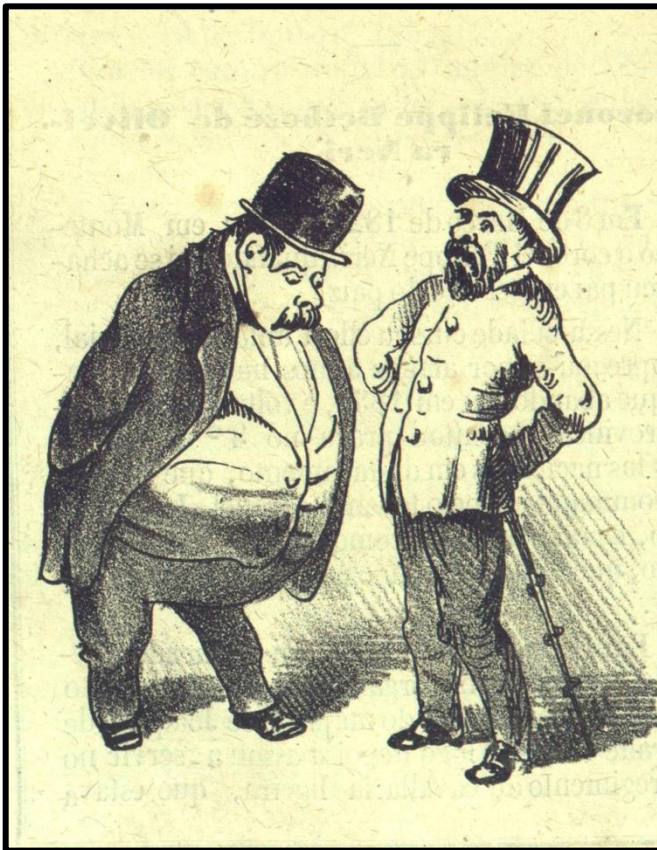
a cavalo e representando a “loteria de Corrientes”, sendo seguido por um gaúcho rio-grandense, montando uma tartaruga e designando a “loteria da Província”, no caso o Rio Grande do Sul, tentando alcançar sem sucesso o primeiro. Era uma referência ao fato de que os próprios sul-rio-grandenses preferiam apostar no jogo do país vizinho do que no provincial²⁴.



Um chiste recaía sobre um homem gordo, cujo interlocutor dizia que ele tinha “um bonito pezinho, não obstante a tua barriga”, referindo-se ao tamanho da mesma. Diante disso, o primeiro lamentava: “Ah, meu Deus, quantos já faz que não enxergo mais os meus pés!”. Em outra caricatura, um homem era cercado pelos filhos em plena choradeira, todos implorando para que não lhes fosse arranjada uma madrasta, em clara alusão à imagem negativa que recaía em termos do discurso do senso comum sobre tal figura. Cheio de gracejo, o jornal

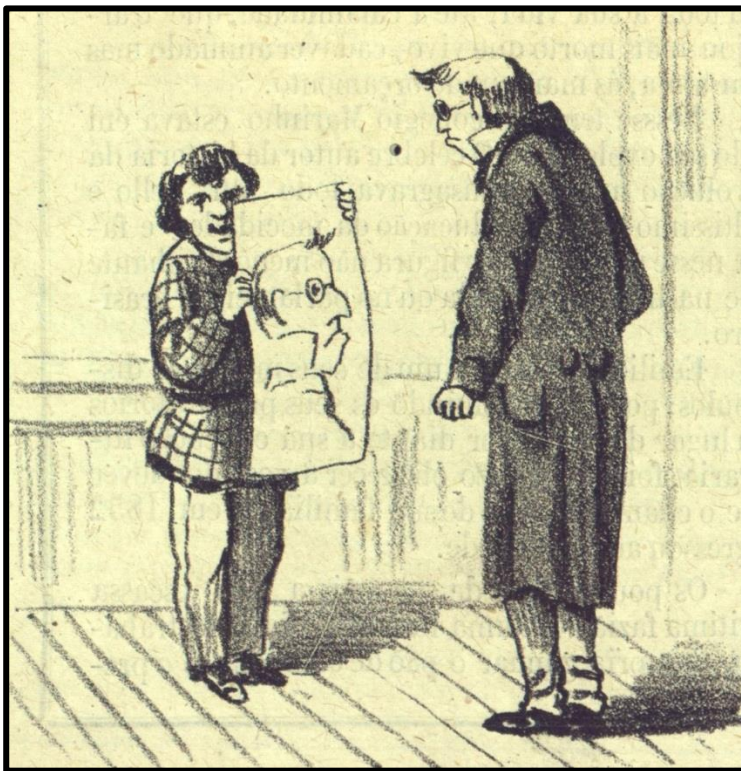
²⁴ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 22 set. 1867, p. 5.

mostrava um pai que pagava mensalmente 10\$ para que o filho aprendesse desenho, “e como primeira prova do seu precoce talento, este lhe apresenta a sua caricatura”. Finalmente, um menino tentava dar um jeito de conseguir imitar a presença de pelos no seu rosto, reclamando: “10 anos e ainda não tenho bigode”²⁵.



²⁵ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 6 out. 1867, p. 4-5.







O encontro de dois indivíduos no contexto portuário servia de cenário para outra representação caricatural jocosa de *A Sentinela do Sul*, cujo tema era mais uma vez a pouca inteligência entre as pessoas. Nesse sentido, enquanto o primeiro dizia: “Olá, amigo velho, estimo bem de o encontrar, há mais de ano que o não o via”; ao que o outro respondia em tom simplório: “É singular, também o não tenho visto neste prazo de tempo”²⁶. Por outro lado, o caráter imaginativo das crianças era restringido, com a cena de um menino que desenhava em uma parede e era severamente

²⁶ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 13 out. 1867, p. 4.

repreendido, com a legenda: “Quem trabalha quer remuneração”²⁷.



²⁷ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 27 out. 1867, p. 4.



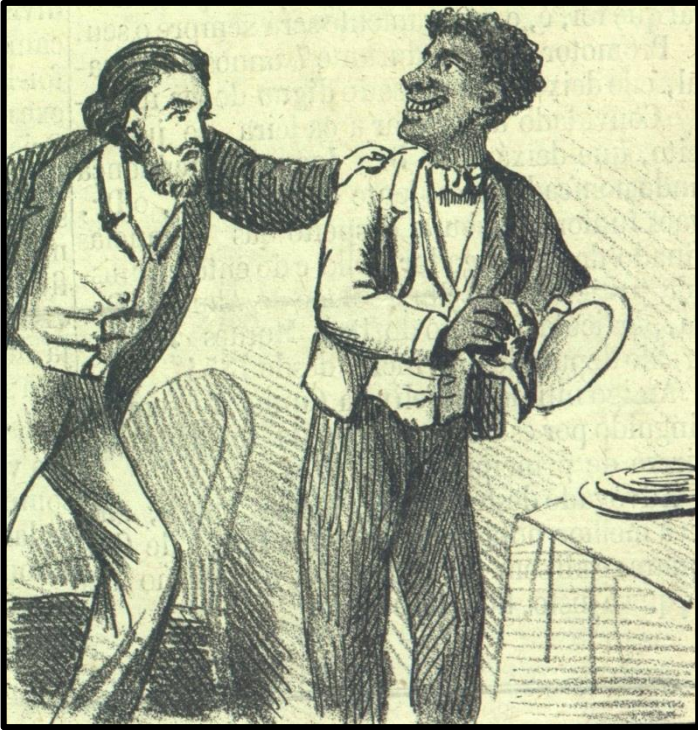
Situações envolvendo criados também foram alvo da folha caricata, como ao mostrar um que arrumava a bagagem de seu patrão, o qual perguntava: “Porque estás arrumando os charutos nas botas do teu senhor?”; obtendo por resposta: “Porque chegando no Rio Grande, e vendo os charutos nas botas, o *nhonhô* fica com nojo e me os dá para eu fumar”. Em outra cena, o criado lavava a louça, sendo interpelado pelo chefe: “Estás doido, rapaz? Estás enxugando os pratos com o meu lenço?; e respondendo: “Não faz mal, *nhonhô*, o lenço já estava sujo”²⁸. Havia também a presença de uma criada malévola, que ameaçava a criança sob a sua responsabilidade: “Se tu contares à mamãe que estive falando com o soldado de polícia, eu te darei uma tunda... uma tunda... que hás de gritar duas horas”. Já em outro caso era o empregado que ficava estupefato

²⁸ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 3 nov. 1867, p. 4.

perante a afirmação de seu senhor: “João, se chover às quatro horas, sairei à cavalo às três”²⁹.



²⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 10 nov. 1867, p. 4.

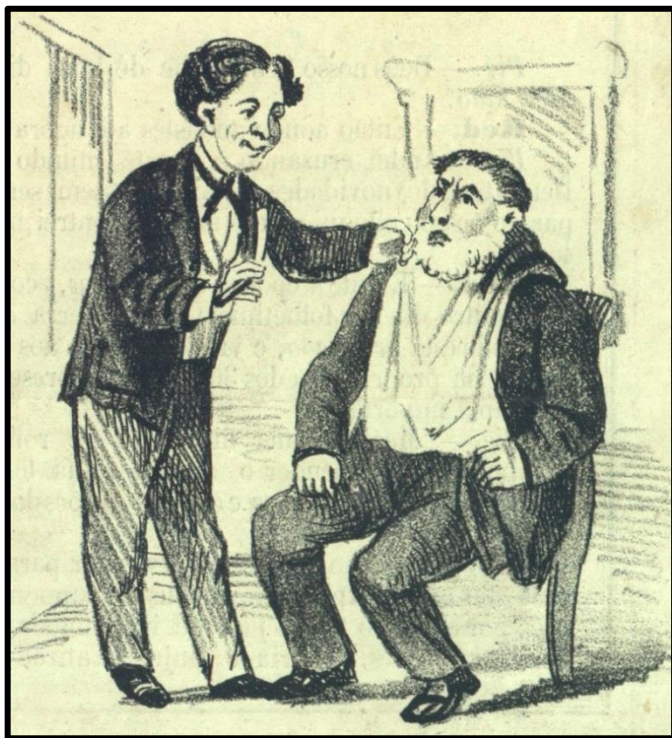






As limitações na prestação de serviços também eram apresentadas pelo hebdomadário caricato, como foi o caso de um barbeiro que perguntava ao cliente se estava bem afiada a navalha empregada; ao que o freguês respondia com indignação: “Pergunta insolente!

Já me cortou duas vezes”³⁰. Um jornaleiro também aparecia, lamentando-se quanto à sua ocupação, ao dizer: “Se consigo meter o gato na gaiola, deixo de entregar jornais e então serei o Adonis das moças”. A figura do criado aparecia mais uma vez, com um “senhor”, pronto a reclamar de uma indesejada presença em seu jardim, perguntando: “A que animal pertencem esses porcos?”; obtendo por resposta do “crioulo”: “À Vmce., *nhonhô*”³¹.



³⁰ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 17 nov. 1867, p. 5.

³¹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 1º dez. 1867, p. 4 e 8.



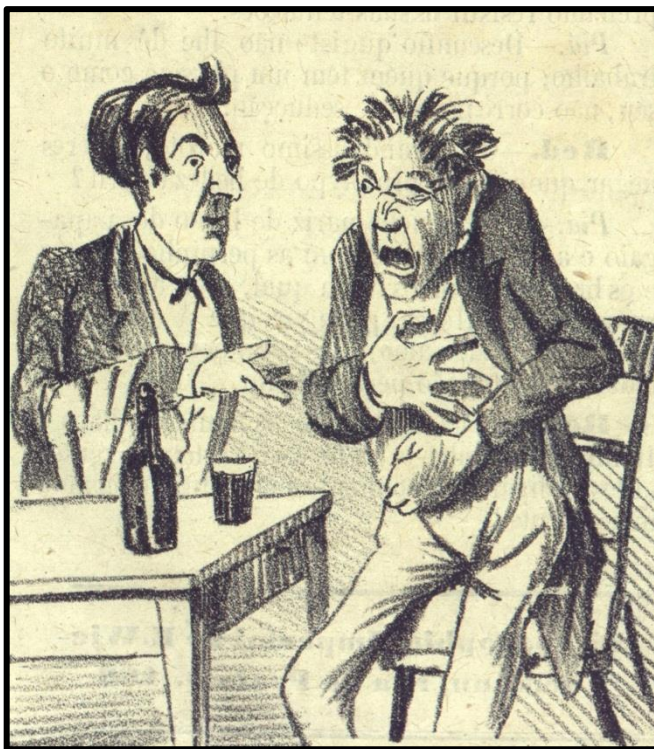


Convívios sociais eram outro tipo de pano de fundo para o olhar pilhérico do jornal porto-alegrense. Foi o caso da caricatura intitulada “Inconvenientes da vizinhança de um bilhar”, na qual os frequentadores próximos a uma mesa de sinuca sofriam com os consequentes acidentes oriundos do jogo, como tacadas, boladas e até chutes. Em outro desenho, um homem convidava outro a visitá-lo de uma forma bem pouco convencional, ao afirmar: “Espero que qualquer dia tenha a honra de ver Vmce. em minha casa; eu já lhe aborreci tantas vezes, e Vmce. a mim só uma vez”. Já outra ilustração trazia um indivíduo passando mal ao tomar um vinho, perguntando ao garçom qual era a procedência do mesmo, sendo informado que: “é nacional de S. Leopoldo”³².

³² A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 dez. 1867, p. 4, 5 e 8.

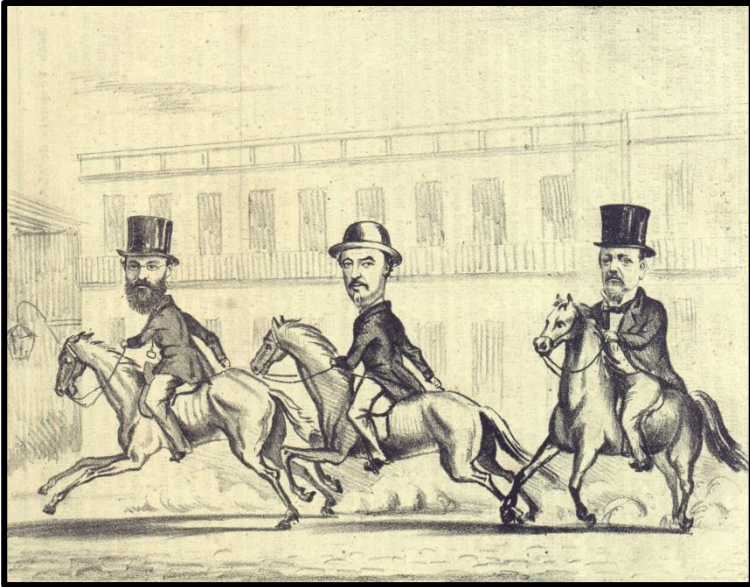




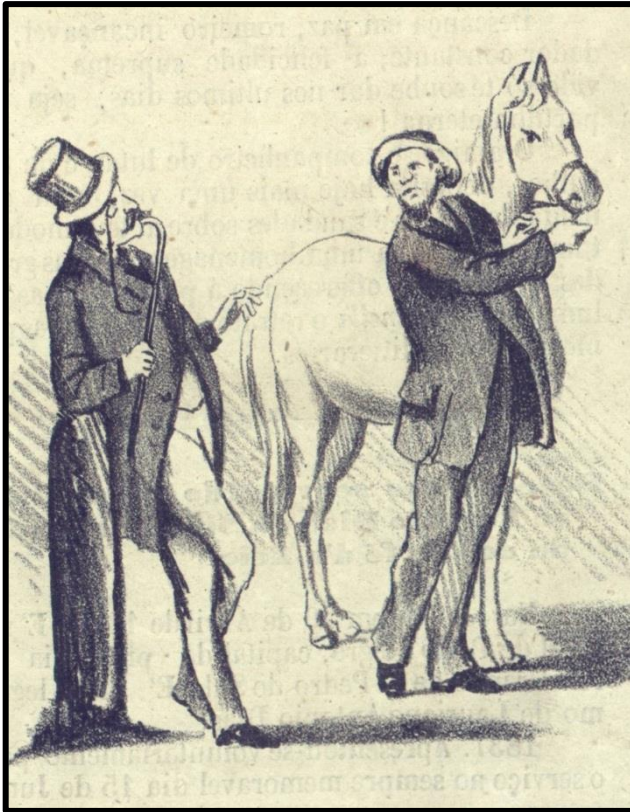


Assuntos equinos, de modo figurado e literal, foram outro mote para as inserções humoradas do semanário. Foi o caso de uma que colocava sob suspeita as ações dos arrematantes de privilégios públicos e seus respectivos ganhos, traduzidos pela esqualidez e a robustez de seus cavalos, o que era confirmado a partir da legenda: “Estado dos cavalos dos acionistas dos três concorrentes depois dos 30 anos de privilégio”. Por outro lado, aparecia mais uma vez um lance de ignorância, no qual um indivíduo dizia ao outro “que este é um cavalo modelo; se Vmce. sair daqui às 4 horas

da madrugada; está em S. Leopoldo às 6 1/2 ...”, vindo em resposta uma frase bastante obtusa: “Não me serve; que vou eu fazer àquelas horas em S. Leopoldo?”³³.



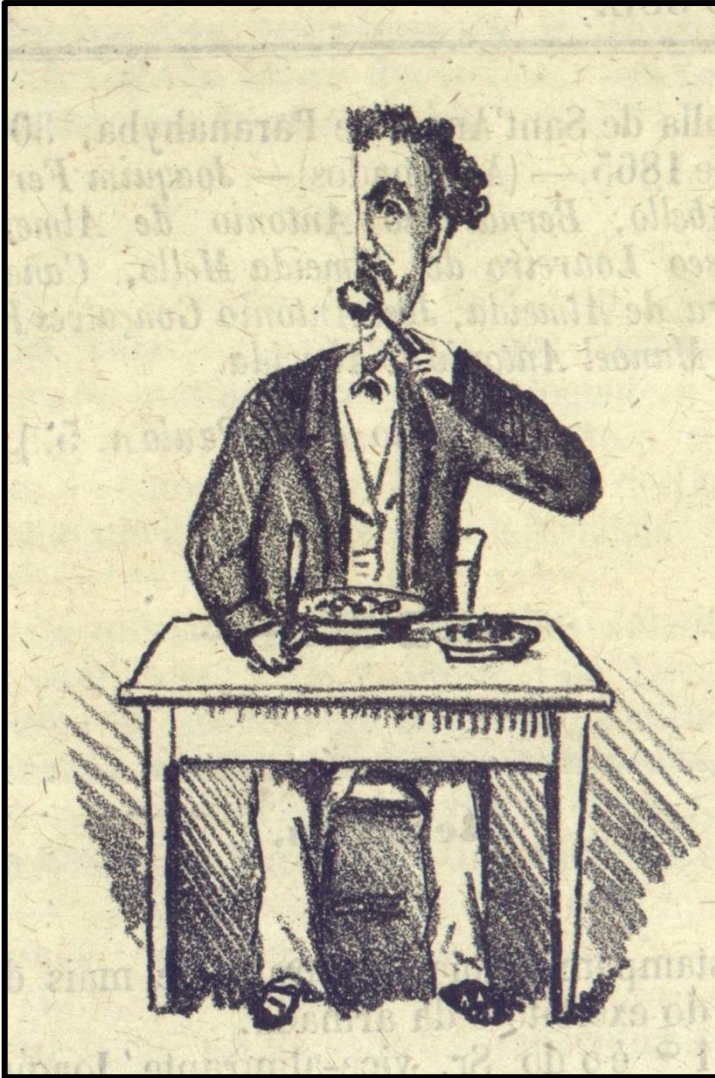
³³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 dez. 1867, p. 4 e 5.



Uma seção que o periódico projetou desenvolver foi uma que buscava representar literalmente por meio de gravuras o conteúdo de alguns ditados populares. Assim, sob o título “Ditos vulgares, ilustrados a capricho”, aparecia um homem sem a metade da face se alimentando, referindo-se à expressão “Comer de meia cara”; um indivíduo dividido ao meio, em relação à frase “Mau raio me parta!”; uma figura demoníaca levando um rapaz nas costas, justificando o dito “O diabo me

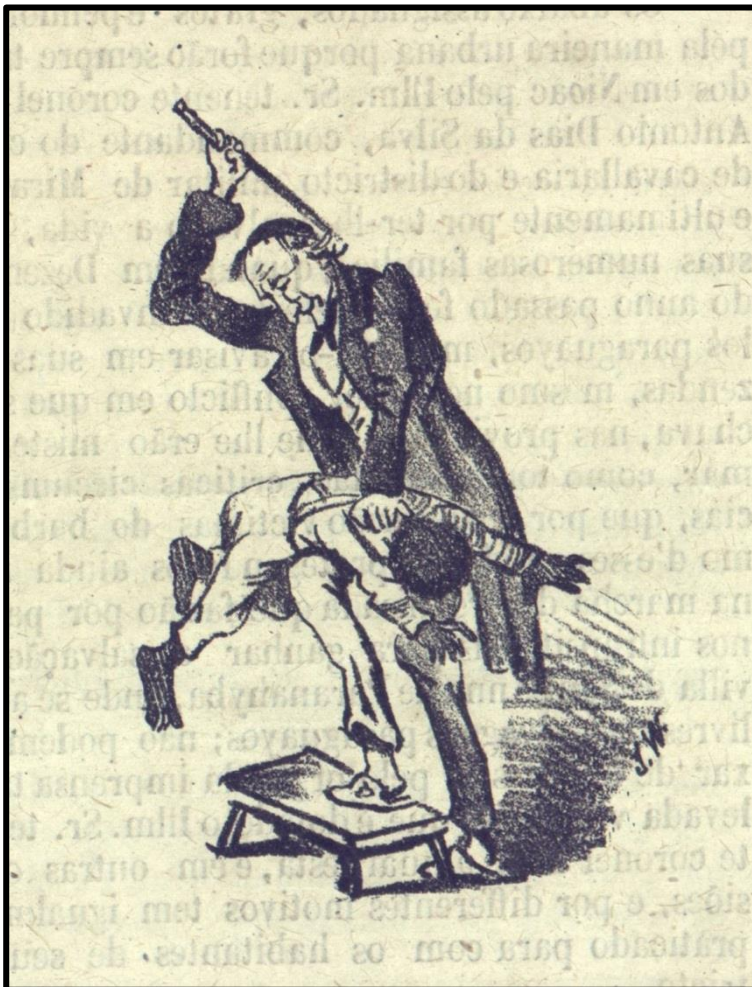
carregue”; e um rapazola apanhando de vara, em alusão ao ditado “Contra a força não há resistência”. Na mesma edição, em outra caricatura, a burrice voltava à baila na conversa entre dois homens, na qual o primeiro afirmava: “Comprei ontem um espelho por um conto de réis...”; ao que o outro replicava, como se estivesse a levar vantagem: “Isto não é nada; eu comprei outro dia um sem vidro e sem moldura por um conto e quinhentos mil réis”³⁴.

³⁴ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 22 dez. 1867, p. 4 e 8.











A pouca inteligência era mais uma vez tema da folha, ao trazer a imagem de um homem a cavalo, que dizia: “Oh rapaz, sai do caminho; o meu cavalo não gosta de encontrar burros”. O moleque dava uma resposta espirituosa: “Então como é que ele não bota o senhor no chão”. Outra piada trazia uma conversa entre vários homens, na qual um deles falava: “O cabelo da pobre Sra. tinha ficado branco do susto que levou”; enquanto outro comentava: “Isto não é nada; mas eu conheci uma senhora viúva de 60 anos que, quando o

seu marido morreu, o cabelo dela ficou preto - também
de susto"³⁵.s



³⁵ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 29 dez. 1867, p. 5 e 8.



O segmento a respeito dos adágios populares voltou a preencher as páginas do semanário, sob o título “Ditos populares, ilustrados a capricho”, com desenhos trazendo representações literais dos conteúdos do mesmo. Nessa linha, aparecia um homem despencado dos céus, para demarcar o ditado “Cair das nuvens”; uma mulher que lacrimejava frutas, em referência a “Chorar pitangas”; um indivíduo fragmentando-se, ao ler *A Sentinela do Sul*, em alusão a “Rir-se a escangalhar”;

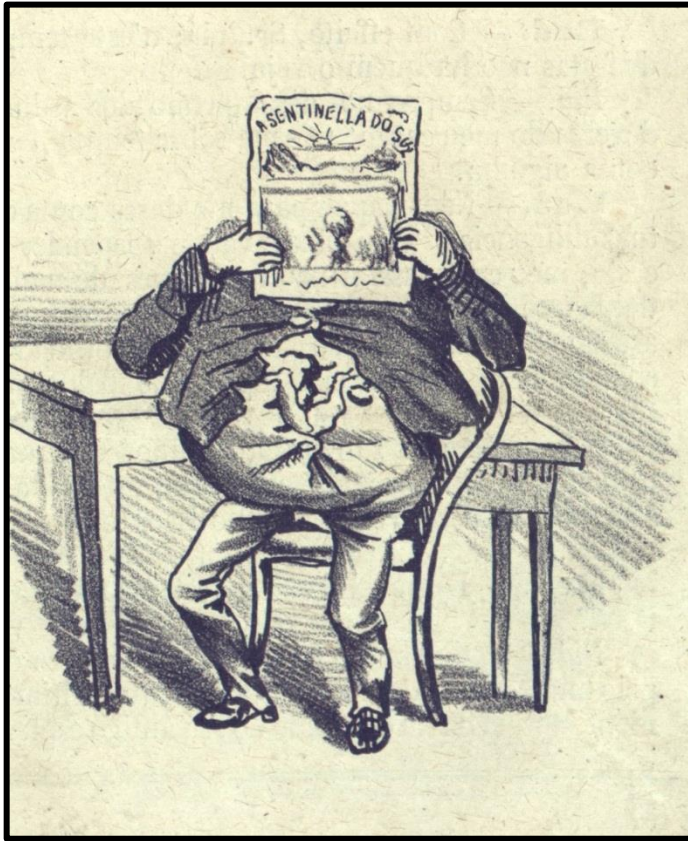
e ainda mais um, procedendo à mesma leitura, enquanto seu ventre se abria, referindo-se a “Ficar cheio a reventar”³⁶.



³⁶ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 5 jan. 1868, p. 5.







A estupidez voltava a ser mote do periódico, ao apresentar a conversa entre dois indivíduos, na qual o primeiro questionava: "Que diz, vizinho, mandarei vacinar os meus filhos?"; enquanto o outro, afirmava impactante: "Homem, não sei; eu não tenho muita confiança no negócio, porque outro dia mandei vacinar um filhinho e, pouco depois, caiu de uma janela do 2º andar e morreu logo. Bem vêes que a vacina não servia de

nada". Em outra caricatura, um mendigo reclamava da esmola recebida: "Deram-me esta calça, e nem ao menos tem ela bolso para o relógio! Que gente miserável. Não se pode pedir esmolas neste tempo..."³⁷.



³⁷ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 5 jan. 1868, p. 8.



Cenas da vida familiar também se fizeram manifestar nas edições da folha caricata. Em uma delas havia um diálogo entre o neto e a avó, com a criança dizendo: “Ó, minha avó, que passarinho tão bonitinho”;

contando com a resposta da senhora: “Este passarinho é muito bonitinho, e não chora como tu”. Diante da provocação, vinha a tréplica do menino: “Bem sei o motivo, é porque V. não lava tanto a ele como a mim”. Já na conversa entre dois homens, o primeiro perguntava: “Meu amigo, se tu morresses desejarias que tua mulher se casasse outra vez?”; obtendo uma resposta bastante incisiva: “Porque não? Estou certo que ao menos meu sucessor há de lastimar minha morte com sinceridade”³⁸.

³⁸ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 12 jan. 1868, p. 8.



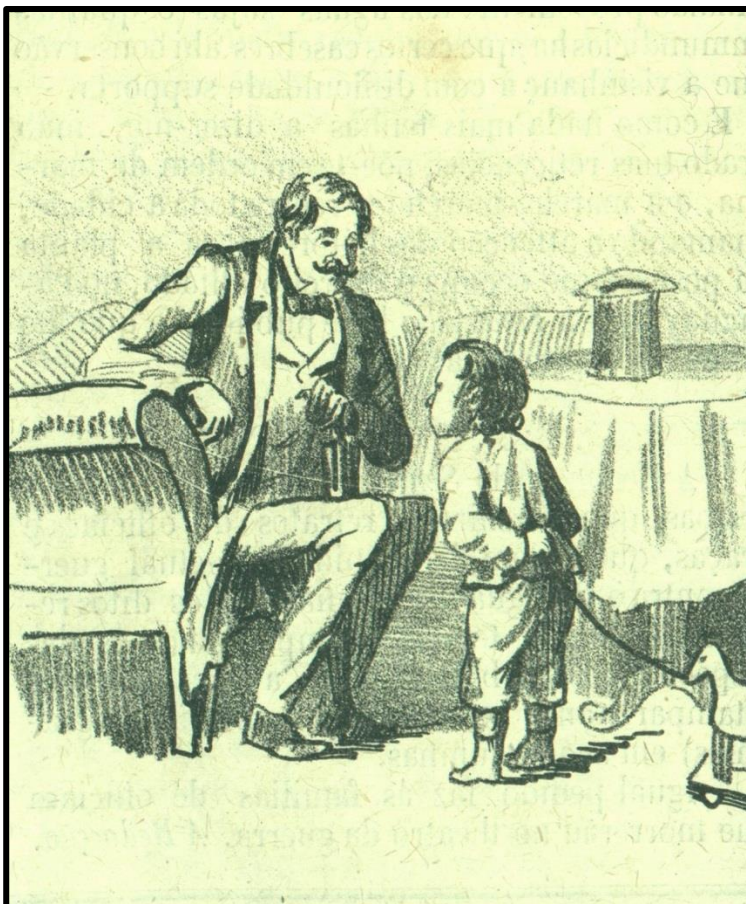


Uma pouco amistosa recepção a uma visita foi o motivo para o gracejo do semanário, ao trazer a conversa entre um homem e um garoto. Enquanto o primeiro perguntava: “Meu menino, quando jantam vocês hoje?”; o outro respondia sem papas na língua: “A mamãe disse que quando Vc. se fosse embora”³⁹. Em outra cena o

³⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 19 jan. 1868, p. 8.

patrão questionava o criado quanto ao motivo de sua demora, e a resposta era apresentada nos seguintes termos: “Estive fazendo uma coisa que não podia mandar fazer por ninguém... Estive tirando o retrato no fotógrafo”. Uma briga desenfreada entre dois indivíduos, inclusive com o uso de uma cadeira como arma no enfrentamento, era jocosamente traduzida como “Discussão em termos pouco parlamentares”. A velhice era o alvo da visão humorada, ao trazer o comentário supostamente inocente de uma criança: “Oh titia, o nenezinho tem a boca como Vc. quando se levanta da cama... sem dentes”⁴⁰.

⁴⁰ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 26 jan. 1868, p. 4 e 5.









Questões financeiras e comparações zoomórficas eram a temática de outra edição de humor. Em uma delas dois homens conversavam, com o primeiro destacando: “Digo-lhe que a nossa casa é tão importante que só em tinta de escrever gastamos 800\$000 rs. por ano”; diante do que o outro comentava: “Isto não é nada: a nossa economiza anualmente 800\$ rs. só porque não fazemos pontos nos - iii -. Em outra cena, um homem gordo e careca fazia uma declaração muito pouco convencional: “Eu hoje vi uns porcos que não tinham cabelos - justamente como eu”. Já em outro cenário, um homem mais velho afirmava: “Não posso entender onde

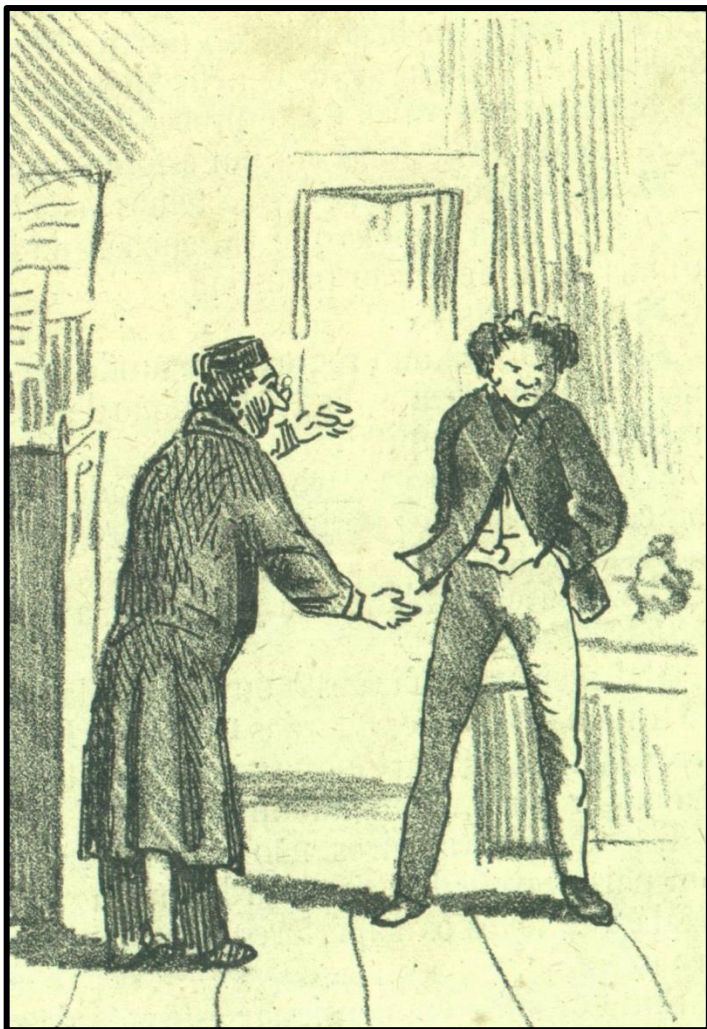
é que botastes tanto dinheiro em tão pouco tempo"; ao passo que o jovem argumentava: "Não o botei em parte alguma; vieram-no sempre buscar"⁴¹. Ainda no ramo dos negócios havia outra conversa entre dois homens, com um deles perguntando o motivo do contentamento do outro, sendo informado que era por motivo do câmbio. Diante disso, o primeiro indignado dizia: "Como assim; então se regozija com os males alheios"; enquanto o outro sentenciava com firmeza: "Não senhor; estou contente de não possuir cem contos de reis, se não perderia eu muito"⁴².



⁴¹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 2 fev. 1868, p. 5 e 8.

⁴² A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 16 fev. 1868, p. 4.







A magreza excessiva também não passava pelo crivo humorístico do hebdomadário ao mostrar a cena na qual um indivíduo reclamava: “Que diabo tem este cão que está a cheirar nas minhas pernas”; ao que o interlocutor não poupava: “Provavelmente pensa que você é um osso...”⁴³.

⁴³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 8 mar. 1868, p. 8.



Outra historieta ilustrada mostrava um menino enciumado quanto à forma da existência de um cão, ao argumentar que: “Mimoso, mimoso, que boa vida é a tua: não te lavas, não te penteias, nem para a escola precisar ir”. Ainda quanto aos caminhos e descaminhos da vida, um indivíduo reclamava da alimentação a si

destinada: “Não sei o motivo porque sou condenado a comer tanta melancia em tempo de calor”⁴⁴.

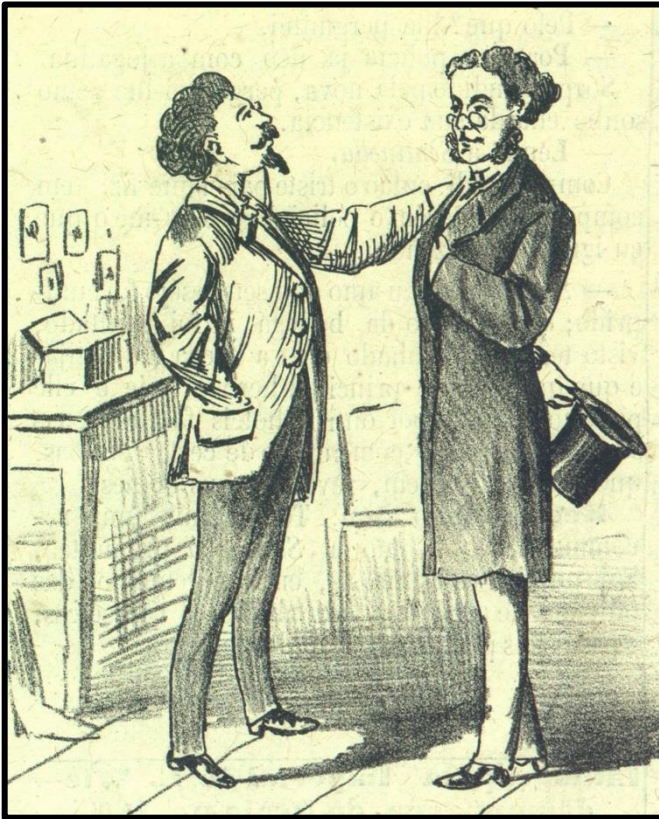


⁴⁴ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 mar. 1868, p. 8.



Mais um dos tantos diálogos que serviam como mote para a graça, apresentava um indivíduo que se mostrava muito disposto a emprestar dinheiro a um conhecido, dizendo que ele poderia pedir sem cerimônia. Diante da peremptória recusa do outro, o

primeiro, em tom golpista, arrematava: “Oh! Neste caso me fará o favor de me emprestar 5\$000 rs.”⁴⁵.



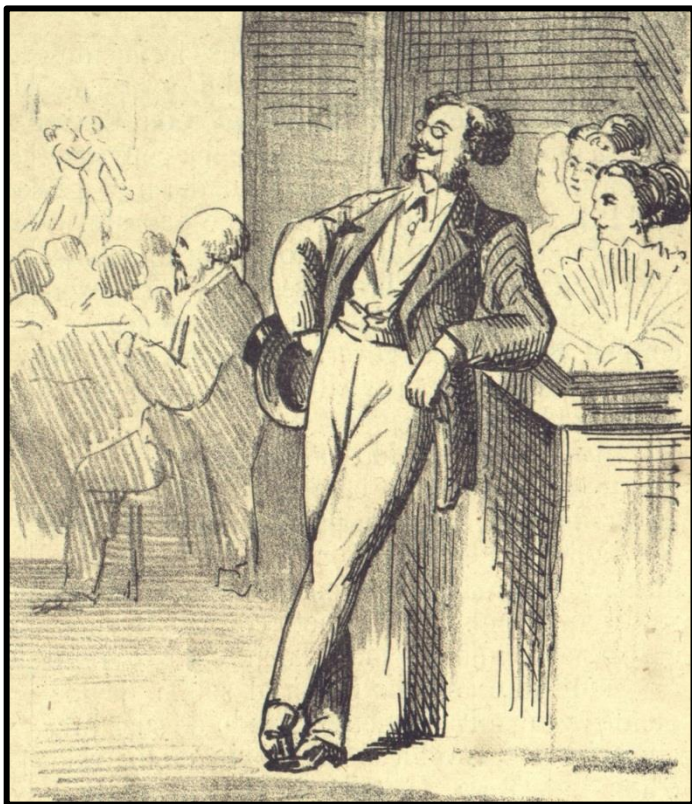
Em um conjunto caricatural, a folha apresentava “Quatro dias da vida de um pelintra”, na qual descrevia quatro etapas da vida de um determinado tipo de homem. Na primeira, “em rapaz, não faz caso das

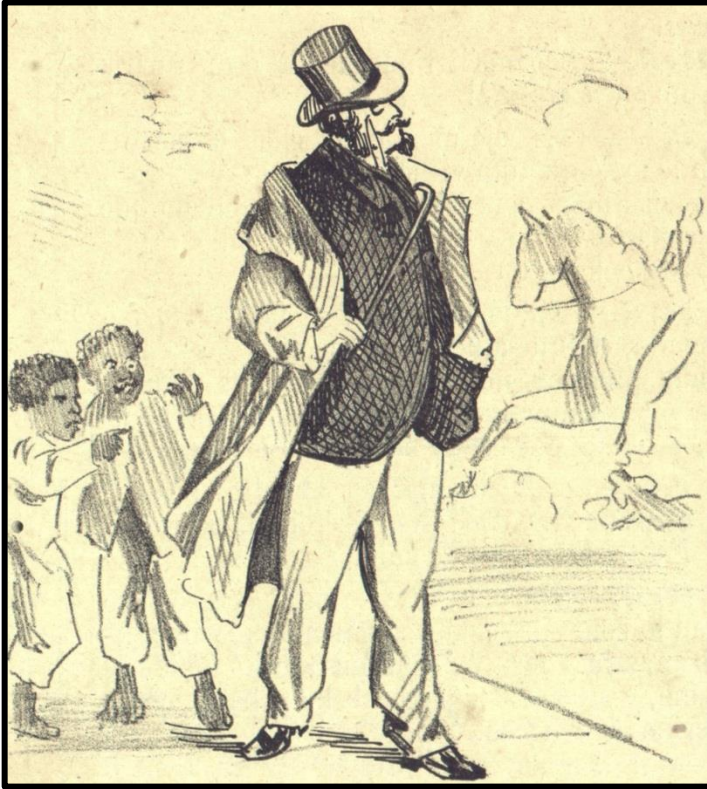
⁴⁵ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 22 mar. 1868, p. 8.

meninas, e as moças não fazem caso dele”; na segunda, “com 25 anos, frequenta o teatro, não para ver, mas sim para ser visto”; na terceira, “com 40 anos procura chamar a atenção por trajes excêntricos, antes tinha o cabelo louro, agora está ficando preto”; e, na quarta, “com 65 anos a gota só lhe permite sair raras vezes, que utiliza para visitar atrizes e cantoras, seu cabelo agora está bem preto”. Em outra cena, um pai buscava ensinar à filha as diferenças entre narizes gregos, considerados direitos, e romanos, aquilinos, ao que a menina constava que, “neste caso, a titia tem nariz grego e corcunda romana”. Ainda na mesma edição, aparecia um homem tão ébrio que chegava a pedir fogo para um poste de luz⁴⁶.

⁴⁶ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 26 abr. 1868, p.5 e 8.

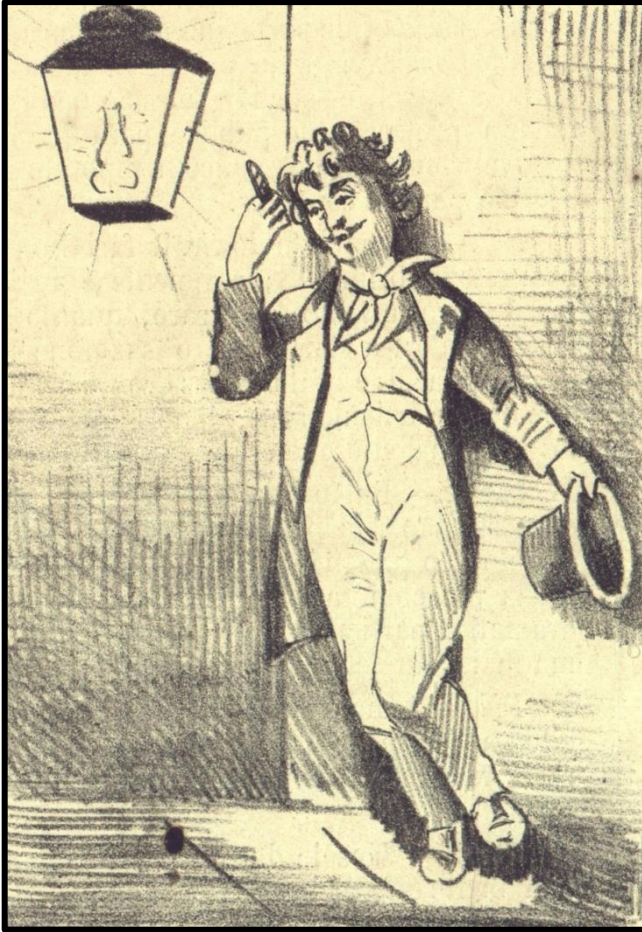












Inspirações de cunho capilar serviram de motivação para fazer graça, como o caso do homem que deveria estar usando uma substância para o crescimento de cabelos em local errado, tendo em vista que “os efeitos do tônico de Jaime”, tinham resultado em um nariz bastante cabeludo. Já em mais uma conversa, um

indivíduo pergunta o lugar no qual o outro iria fazer a barba, com a resposta de que seria na esquina da Rua dos Andradas, ao que o primeiro dizia com gracejo: “Singular; eu mando fazer aqui... (indicando o queixo)”⁴⁷. Ainda a respeito da mesma temática, um indivíduo buscava fazer propaganda de seu produto para crescer cabelos, recomendando a sua “excelente pomada contra a calvície”. O outro, entretanto, rebatia, desconfiado: “Porém Vc. mesmo tem uma formidável calva!” e o primeiro não perdia tempo para continuar a propagandear: “Esta uso eu apenas para mostrar quão terrível aparência faz um homem que não usa da minha pomada”⁴⁸.

⁴⁷ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 26 abr. 1868, p.5 e 8.

⁴⁸ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 24 maio 1868, p.5.

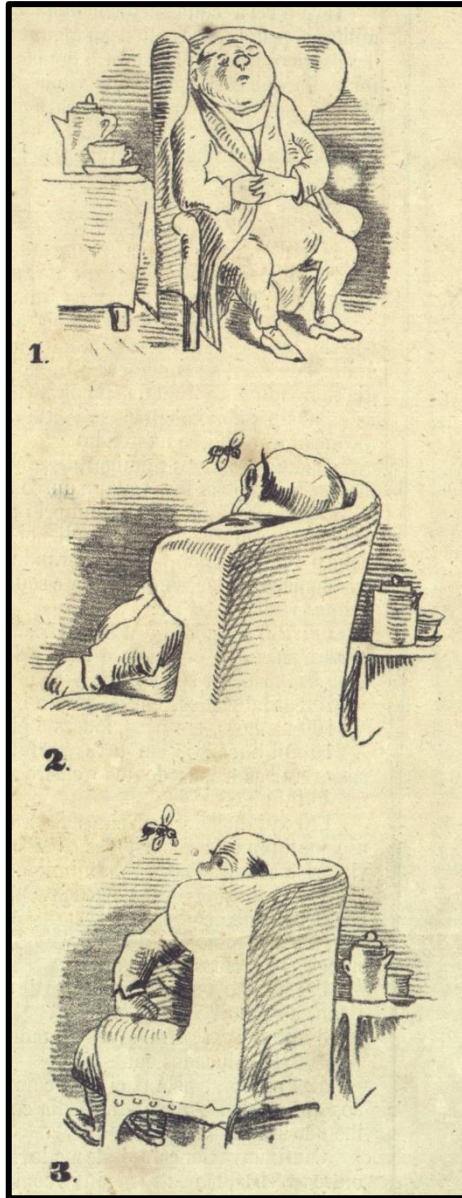


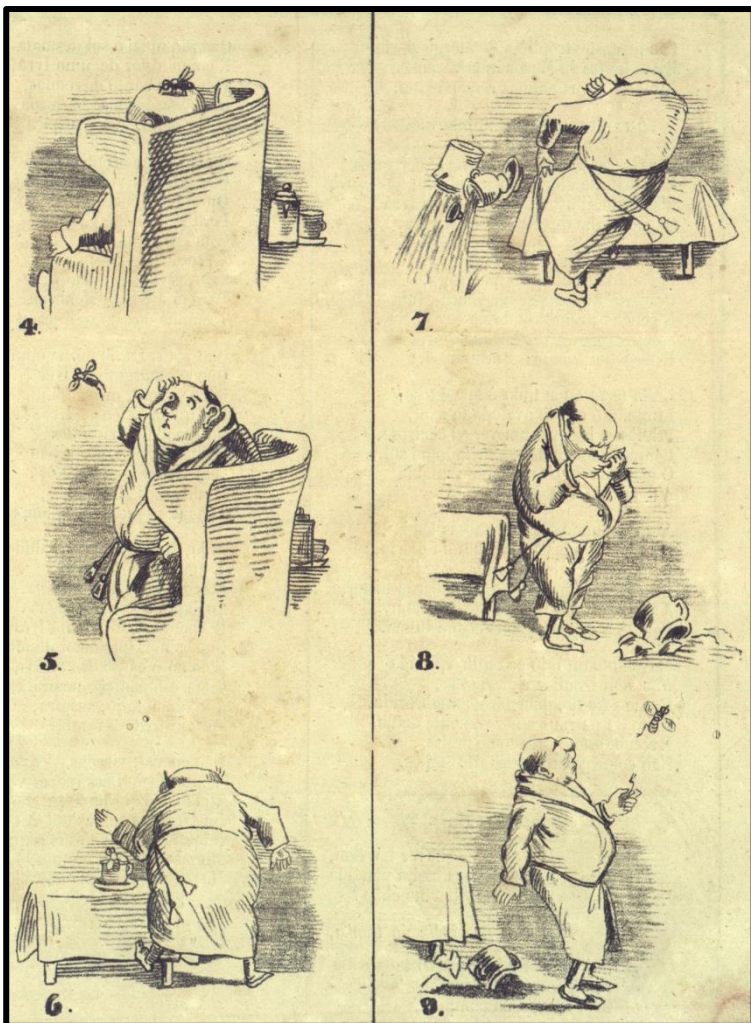


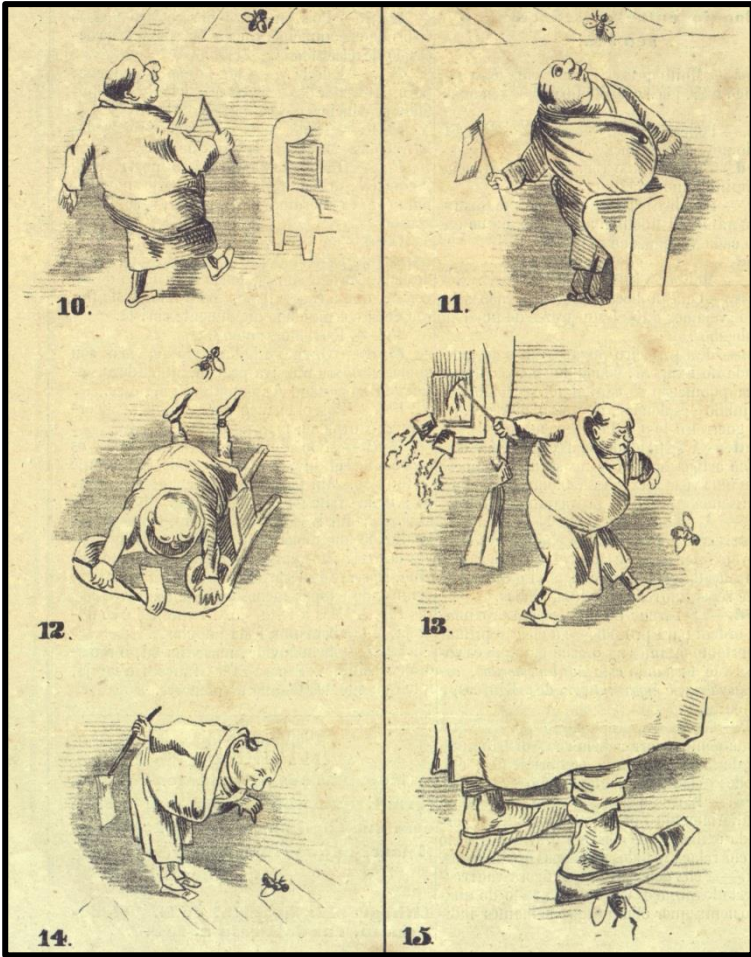


Até mesmo os esforços para a captura de um inseto dentro de casa também servia de motivação para uma tirada humorada. Um conjunto de desenhos denominado “A mosca vareja” trazia em quinze quadros várias artimanhas utilizadas por um indivíduo para eliminar o invasor, com pouco sucesso e trazendo estragos no domicílio, até que a conclusão trazia a eliminação da mosca do modo mais frugal e inesperado⁴⁹.

⁴⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 31 maio 1868, p. 4-5 e 8.

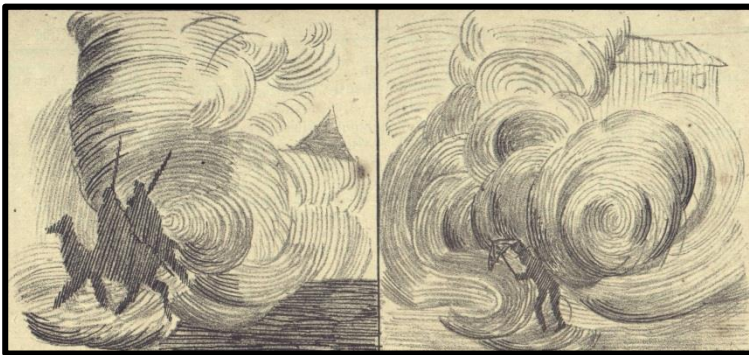






Sob o título “Estudos geográficos”, a folha comparava as intempéries da região saariana com as da cidade do Rio Grande que, historicamente, enfrentou sérios obstáculos à urbanização motivados pelos deslocamentos de constantes areais. Em um dos quadros

aparecia apenas a silhueta de dois indivíduos deslocando-se em camelos em meio a uma tempestade de areias, com a descrição “Um turbilhão de vento no deserto Saara”. No outro, um rio-grandino tentava, sem sucesso, defender-se do areal com um guarda-chuva, gravura acompanhada da frase: “Um dito na cidade do Rio Grande”. Também no quadro comparativo era apresentada a cena descrita como “Os empregados de uma repartição admiram-se de verem o seu chefe durante muito tempo procurar papéis importantes num armário”; para depois revelar: “Qualidade dos papéis que o homem procura”, ou seja, ao invés de trabalhar, ficava a beber⁵⁰.



⁵⁰ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jun. 1868, p. 8.



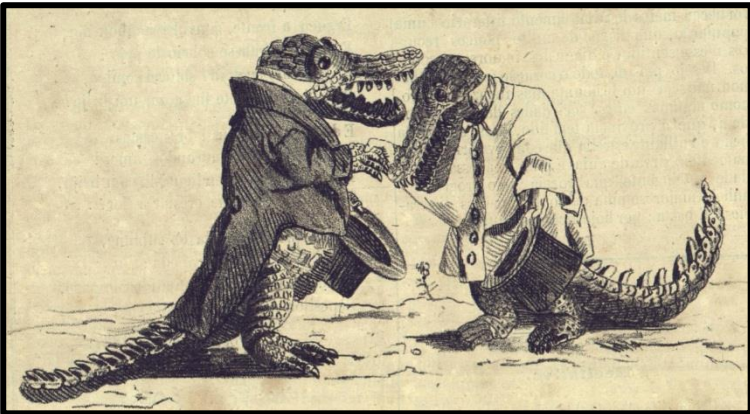
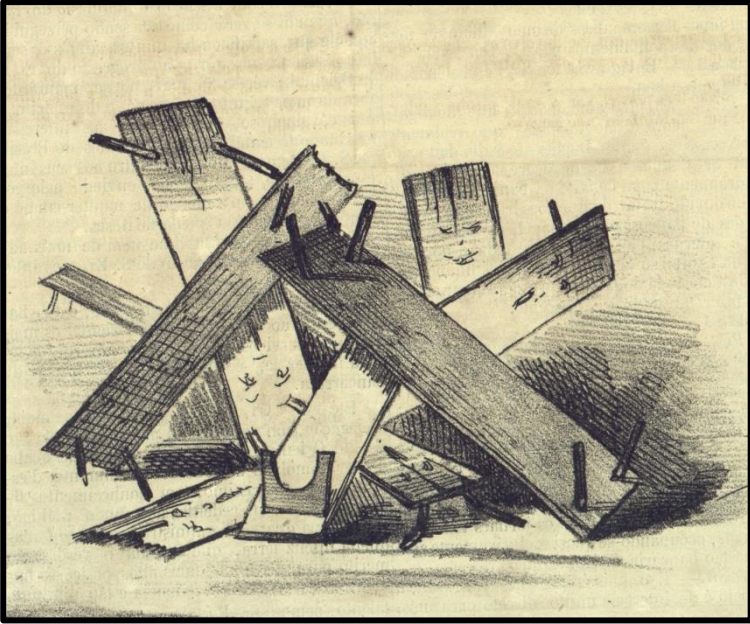
Um moleque brincando com uma senhora aparecia na caricatura em que o menino enganava a anciã, com o diálogo: “Ai, ai, ai! Tenho uma coisa na boca!! O que é então, meu rapazinho? É a língua!”. Na mesma edição, um homem examina os restos de um barril, na dúvida se o conteúdo original era creolina, mas preferindo que fosse uma pipa de bebida alcoólica⁵¹. Em outro desenho, um amontoado de bancos quebrados simbolizava dificuldades de instituições financeiras uruguaias, com a legenda: “Questão bancária em Montevideú”. Houve também uma piada em termos de profissões jurídicas, com a imagem de dois répteis portando vestimentas e a adivinhação: “Qual é a diferença entre um advogado e um procurador? A mesma que há entre um crocodilo e um jacaré”. Em outra cena, dois ladrões eram surpreendidos pelo dono

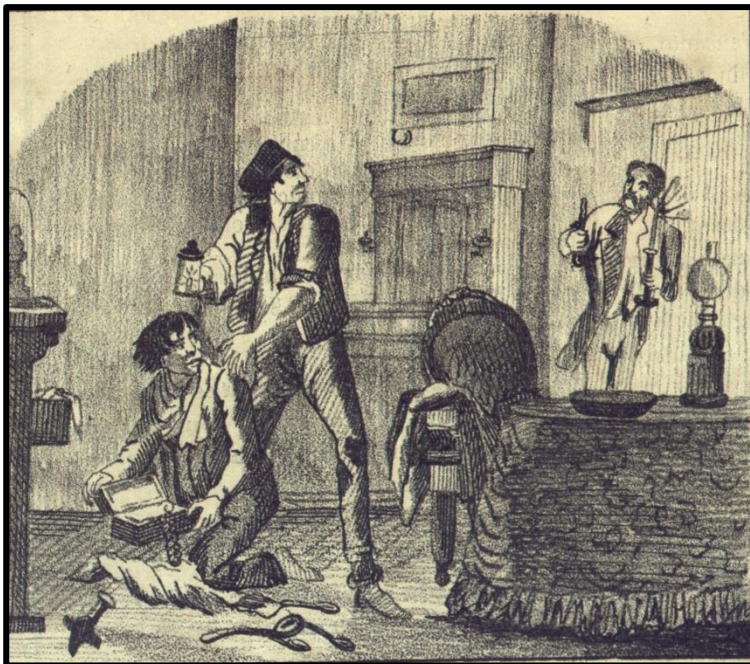
⁵¹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 14 jun. 1868, p. 4 e 8.

da casa armado, de modo que, enquanto um deles pergunta “Que é que vou tomar”, o outro, resabiado, dizia: “Sentido!!”⁵².



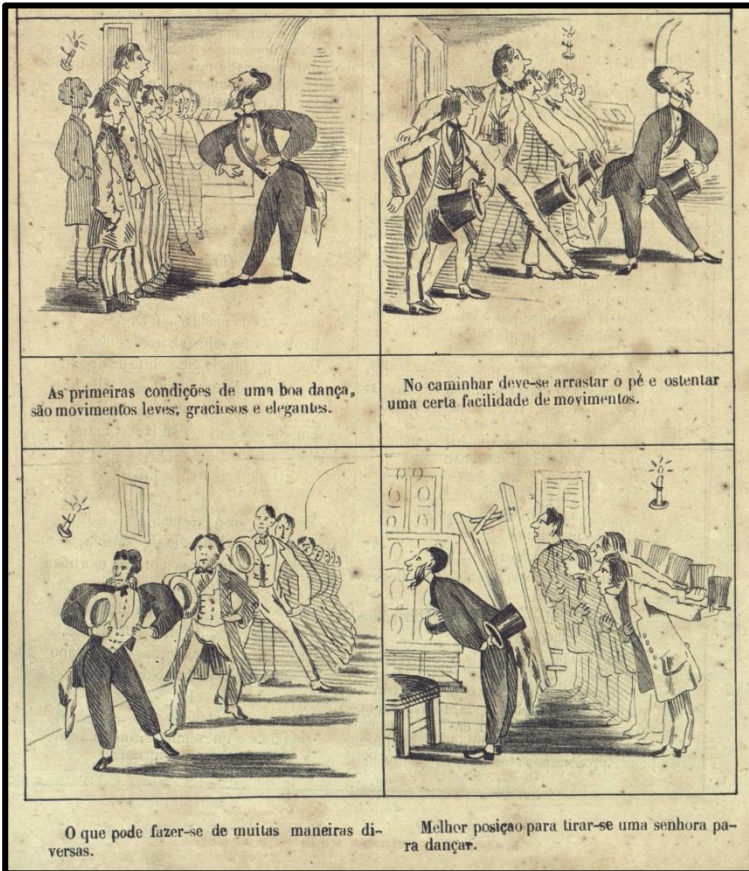
⁵² A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 21 jun. 1868, p. 4 e 8.





A crítica de costumes aparecia em “Arte de agradar as moças”, que, chistosamente, mostrava um instrutor de dança e etiqueta, tentando ensinar a tal arte. Em relação a essa mesma crítica, apareciam também os modismos aplicados ao sexo masculino, na demonstração de “Tipos porto-alegrenses”, referindo-se a dois indivíduos “recém-importados do Rio de Janeiro”. E, finalmente, em outra cena, uma criada tentava acalmar uma criança que chorava, ameaçando entregá-la para um homem que passava, o qual intervinha

espiritoso: "Deus me livre, tenho a casa cheia de crianças..."⁵³.



⁵³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 28 jun. 1868, p. 4, 5 e 8.





Na prática de uma crítica social e de costumes, *A Sentinela do Sul* emitiu opiniões, criticou, sugeriu, ironizou e corrigiu, remoçando e, em última instância, introduzindo novos lugares comuns⁵⁴. Através desse comportamento editorial, a folha conduziu suas edições em direção a construções discursivas que não chegam a

⁵⁴ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 177.

constituir um discurso articulado, uma totalidade discursiva, consistindo-se, isto sim, em fragmentos de discursos articulados ao longo da história de um povo ou destacados de discursos em uma dada conjuntura política e social. Desse modo, tal discurso tem uma enorme capacidade de dar sentido à vida cotidiana e uma enorme potencialidade de ser articulado a diferentes visões do mundo⁵⁵.

A caricatura, utilizando-se da imagem, atingiria direta ou indiretamente uma considerável popularização, em um quadro pelo qual o desenho de humor envolveu mais o seu consumidor e forjou seus horizontes históricos. Nessa linha, através da publicação caricata eram apresentados os lugares comuns da própria sociedade, pois o humor refletia uma dualidade, já que nem tudo que é ridículo é sério, mas quase tudo que é sério tem seu lado ridículo⁵⁶. Por meio do humor, *A Sentinela do Sul* levou ao seu público leitor cenas dessa ridicularia, com ênfase a aspectos como as limitações do processo de urbanização, os malfeitos, as atitudes ilícitas, as contradições sociais e, acima de tudo, os atos que revelavam pouca inteligência, um de seus tópicos preferidos. Perante tantas idiosincrasias, muitas vezes deixadas de lado ou suprimidas das pautas dos representantes da imprensa dita séria, *A Sentinela* realizou exatamente o oposto, transformando-as em verdadeira essência do seu norte editorial.

⁵⁵ PINTO, Céli Regina. A sociedade e seus discursos. In: *Com a palavra o senhor Presidente José Sarney*. São Paulo: Hucitec, 1989. p. 43-45.

⁵⁶ BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica; história da imprensa brasileira*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990. v. 1. p. 129.

A presença da crítica política

Ainda que sustentasse uma postura mais moderada, *A Sentinela do Sul* não deixou de também se manifestar em termos de crítica política. As caricaturas ofereceram uma contribuição fundamental ao debate político, desmistificando o poder e incentivando o envolvimento de pessoas comuns nos assuntos de Estado. Também realizaram tais tarefas mostrando assuntos controversos de uma maneira simples, concreta e notável e representando os principais atores no palco político como mortais, não heroicos e passíveis de cometer erros⁵⁷.

A caricatura de natureza política se baseia inteiramente em uma intencionalidade dessacralizadora do poder instituído. Dessa maneira a hierarquia dos poderes sofre invariavelmente contestações diversas a partir do exterior, ou seja, a partir dos submetidos ao seu império ou à sua potestade. Nessa conjuntura transparece a característica dessacralizadora da crítica política, que ocorre em concomitância com a característica da desqualificação, em um quadro pelo qual dessacralizar é rebaixar, é retirar aos mandantes a aura de dignidade que os envolve⁵⁸.

⁵⁷ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 121.

⁵⁸ HOMEM, Amadeu Carvalho. Riso e poder: uma abordagem teórica da caricatura política. In: *Revista de História das ideias*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007. v. 28, p. 744-745.

O próprio norte editorial de *A Sentinela do Sul*, demarcado no programa do periódico, especificava que “a crítica é naturalmente o elemento principal da publicação”, prometendo que a mesma seria “manejada com discernimento”, nunca passando “das raias da justiça e da honestidade”. De acordo com seu prisma caricatural, a folha declarava que se esforçaria “com desenhos e palavras para castigar o crime, a hipocrisia, a ignorância e a vilania, no que elas têm de mais caro – no seu amor próprio”⁵⁹. Nesse sentido, a crítica política expressa pelo seminário vinha ao encontro de determinados níveis de contestação aos rumos da vida política e ao poder instituído no âmbito nacional e regional.

Em termos de vida política, os processos eleitorais constituíram alvo da censura do periódico. Foi o caso da indicação da presença de um candidato que muito se esforçava, “pedindo votos para a próxima eleição”, havendo a comparação com um outro indivíduo, que andava “teso como um boneco de pau e não cumprimenta a ninguém”. Diante da pergunta se este também era candidato, vinha a negativa, com a informação de que se tratava de alguém que já fora “deputado e agora não pretende mais”. Em termos de definições, a folha apontava que “as eleições são a pedra de toque da bonomia do povo, que nem mesmo à força de desenganos sucessivos, perde a fé nas promessas dos candidatos”. Também considerava que “o votante é um verdadeiro Proteu”, uma vez que, “na véspera da eleição é meu amigo querido”, mas, “passada a eleição, “é um

⁵⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867, p. 2.

importuno que não sabe esquecer que já serviu algum dia”⁶⁰.

Uma das grandes preocupações de *A Sentinela do Sul* era a defesa dos interesses sul-rio-grandenses e, com a Guerra do Paraguai, a folha insistia que o Rio Grande do Sul estaria sendo prejudicado pelo governo imperial, sofrendo tratamento diferenciado em relação às demais províncias. Um desses casos foi a caricatura que mostrava o Rio de Janeiro com as atividades parlamentares em plena atividade, no Senado e na Câmara dos Deputados, ao passo que, no contexto gaúcho, com a suspensão daquele tipo de atividade, as ações legislativas permaneciam paralisadas em prejuízo do andamento do aparelho público na província⁶¹.

⁶⁰ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jul. 1867, p. 7.

⁶¹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 21 jul. 1867, p. 4.

denominada “Conferência política”, a qual era carregada de ironia:

1º Deputado – Como é possível dar o nosso voto a favor do projeto da abolição da escravatura em todo o Império?

Caindo o lenço das senhoras ao chão, e não havendo mais escravos, quem lhes levantará o lenço?

Então serão elas mesmas obrigadas a curvarem-se para levantá-lo Oh! isso seria demais!

E não havendo mais escravos, quem irá durante semanas inteiras às lojas de fazendas, em busca de amostras, para as mulheres e filhas verem e escolherem a seu gosto?

2º Deputado – É uma verdade! Mas contudo, ainda que secretamente continuemos a trabalhar para que não seja abolida a escravidão, na assembleia alguns dos nossos devem votar a favor do projeto da abolição, ao menos para salvar as aparências, e fazer acreditar às nações estrangeiras que queremos civilização e melhoramento de nossas instituições políticas.

Não acham melhor assim?

Os outros – Apoiado, apoiado!⁶²

A corrupção política era representada pelo periódico com a utilização da figura de Diógenes, que andava pelas ruas à procura de um homem justo. O Diógenes de *A Sentinela do Sul* estaria buscando um vereador honesto, com certa dificuldade, uma vez que os

⁶² A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 4 ago. 1867, p. 7.

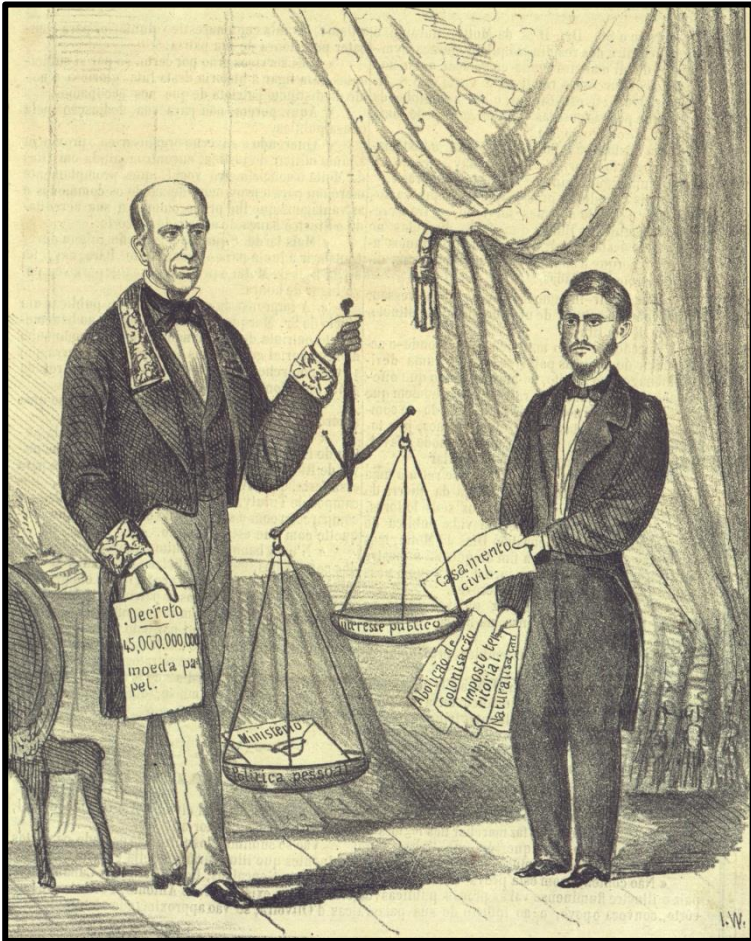
edis estavam muito mais preocupados com a venda de votos⁶³.



A caricatura denominada “Atualidade política” mostrava dois homens públicos em negociação, a qual era representada por uma balança. Enquanto a “política pessoal”, ou seja, aquela que lidava com os interesses privados, era aquela que mais pesava, com a divisão de cargos ministeriais e medidas em torno de temas financeiros, por outro lado, pesando menos, estaria o “interesse público”, o qual envolveria questões estruturais, como casamento civil, naturalização de

⁶³ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 11 ago. 1867, p. 4.

estrangeiros, imposto territorial, colonização e abolição da escravatura⁶⁴.



⁶⁴ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 18 ago. 1867, p. 5.

A figura mítica de Pandora, e sua caixa de onde sairiam todos os males do mundo, serviam para que a folha caricata designa-se um político que, em trajes femininos da antiguidade clássica, despejava sobre o país os males das tributações, como “emissão de notas do tesouro”, “imposto adicional de 20% sobre sedas, etc.”, “imposto sobre habitações”, “imposto sobre soldos e ordenados” e “3% de direitos de exportação”. Tudo isso recaía sobre uma figura indígena, tradicional representação do povo brasileiro nas revistas voltadas à caricatura⁶⁵.



⁶⁵ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 set. 1867, p. 5.

A corrupção política foi também alvo das críticas de *A Sentinela*, ao mostrar a figura de uma vaca, animal nutriz, responsável pela sustentação, a qual era comparada ao orçamento público, e aparecia ordenhada por uma mulher identificada como a Província do Rio Grande do Sul. O balde que servia para apanhar o leite era relacionado às obras públicas, um dos setores da administração governamental mais propício ao desvio de verbas. O sentido do desenho era tão completo em si, que não houve nem mesmo a necessidade de apresentar uma legenda⁶⁶.



⁶⁶ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 29 dez. 1867, p. 4.

A dama como representação da Província do Rio Grande do Sul voltava a figurar em *A Sentinela do Sul*, desta vez montando um alazão. A cena era completada pela presença de um político mal-intencionado que queria trocar a montaria da mulher por um cavalo de brinquedo. Enquanto o indivíduo propunha: “Não quer mudar de cavalgadura, nobre donzela?”; a “Província” rechaçava: “Agradeço-lhe o favor; tenho consciência do meu valor e preciso conservar a posição em que me acho. Sirva-se V. Ex.”⁶⁷.

⁶⁷ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 5 jan. 1868, p. 4.



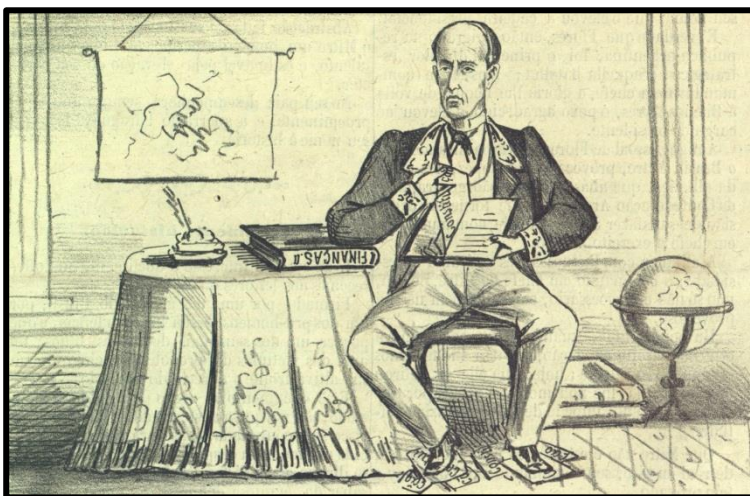
A vida política chegava a ser comparada a um ato circense na caricatura denominada “Circo olímpico político”, na qual um homem público, com trajes que lembravam os do bobo da corte, tentava com dificuldade equilibrar na ponta de uma vara um indivíduo identificado como o ministério. Diante do esforço, o

político dizia: “Desça, desça, não posso mais, a carga é muito pesada”⁶⁸.



⁶⁸ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 15 mar. 1868, p. 4.

A figura de uma autoridade pública aparecia em seu gabinete, demonstrando intenções muito pouco louváveis, revelando malfeitos no campo político e também no setor da administração das verbas públicas e, além de tudo, pisando no texto constitucional. Diante disso, ele afirmava: “Se a constituição me serve de tapete, porque não hei de por as finanças de pernas para o ar?”⁶⁹.



Ao lado da crítica social e a de costumes, um outro alvo de *A Sentinela do Sul* foi a política, na maior parte das vezes retratada de forma irônica, bem humorada e em tom de censura às ações políticas e a seus praticantes. Nesse quadro, desenhos, palavras e entrelinhas traziam consigo a reprodução de formas de pensar e agir cotidianas a respeito da política de então. A

⁶⁹ A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 22 mar. 1868, p. 1.

avidez dos políticos em usufruir das verbas públicas, os descaminhos da política em direção a prejuízos para a nação, bem como a inutilidade, a voracidade e o caráter perdulário das ações políticas foram alguns dos estereótipos criados pela caricatura do hebdomadário porto-alegrense para com a imagem dos homens públicos do século XIX. Associando texto e imagem e empregando um jornalismo eminentemente opinativo, o semanário reproduziu, de forma crítica e caricatural, a sociedade na qual estava inserido. Desenvolvia-se então um caminho de duas vias, quer seja, de um lado, o periódico influenciava a sociedade, introduzindo formas de pensar e agir e, de outro, as próprias vivências em sociedade serviam como pauta para a publicação ilustrada, em um complexo processo de interações e inter-relações. Nesse contexto, os desenhos e as matérias escritas que realizavam a crítica política traziam em si a discussão das ruas, os dizeres, os ditados populares, os axiomas enfim, que faziam parte do cotidiano social, demonstrando, por meio da caricatura algumas das facetas da época de como era encarada a vida política brasileira⁷⁰.

⁷⁰ ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa, caricatura e historiografia no Rio Grande do Sul: ensaios históricos*. Rio Grande: FURG, 2006. p. 7, 9 e 21-22.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
ABERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



ISBN: 978-65-89557-40-1



9 786589 155740 1